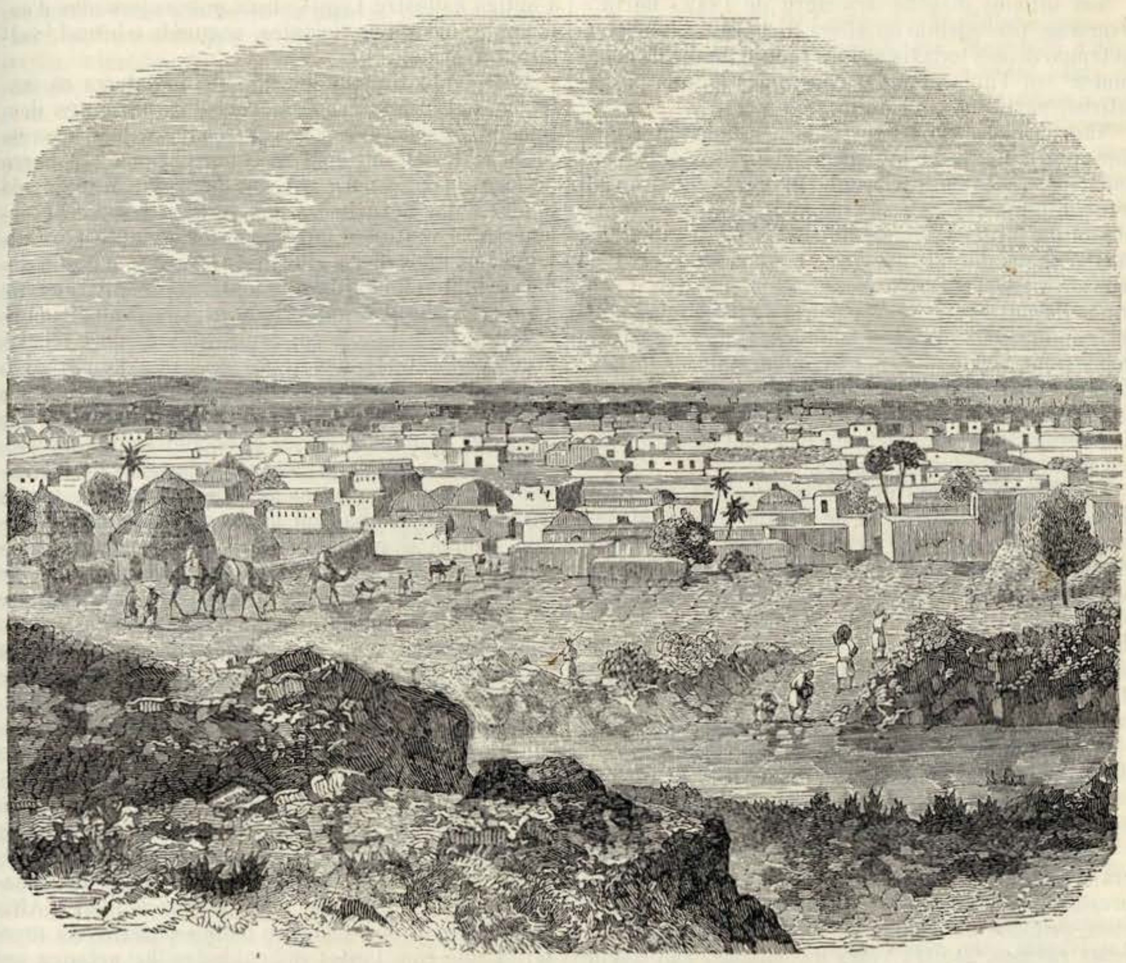


Vista da cidade de Kanô — Africa central.

Kanô ou Ghanat, cidade mui importante da Nigricia, capital do estado de Haoussa, na Africa central, está situada no meio de feracissimos campos, a 150 kilometros (30 legoas portuguezas) ao SE. de Cachena, em 12° latitude norte e 7° longitude éste.

Kanô é fechada por uma especie de linha de circunvallação, na qual se abrem quinze cancellões ou portas de madeira; aquella linha tem um circuito não inferior a cinco legoas (25 kilometros).

A população permanente livre anda por 30:000 almas, ou pouco mais, e o numero dos escravos não é inferior a 4:000: de janeiro a abril, porém, epocha em que se reunem alli as caravanas de differentes pontos da Africa, a população ascende ao dôbro da cifra que indicámos.

Em Kanô as casas tem todas um só andar, e são cobertas de eirados; é rara aquella em que não ha grandes pateos rectangulares cingidos de paredes mui baixas, e por consequencia facilmente devassaveis. Não faltam tambem cabanas circulares, como as que se encontram nas povoações de negros; estas, como póde suppor-se, são terreas, e com tectos ennastrados de palha.

A principal industria de Kanô consiste na tecelagem do algodão e na tinturaria. A exportação que d'esta cidade se faz de tecidos de algodão diz Barth que equivale á carga de trezentos camelos por anno. Fazem-se tambem na mesma cidade excellentes artefactos de couro, saccos de fórma elegante, e sandalias, que egualmente se exportam em larga escala. O trafico de escravos é activissimo em Kanô, como em quasi todas as grandes e pequenas povoações do interior da Africa.

O governador de Kanô é um dos mais poderosos regulos sujeitos ao soberano de Sokoto; não tem auctoridade absoluta, podendo appellar-se para o Sokoto das suas deliberações; mas similhante recurso é, para assim dizer, illusorio, attendendo á difficuldade das communicações e ao caracter d'aquelles povos.

Os campos que circundam Kanô, além de ferteis, são soffrivelmente cultivados; e, ao revez do que se observa em outras cidades e grandes povoados africanos, nota-se alli sempre muito movimento, animação, actividade, vida; não sendo de certo estas circunstancias as que tornam Kanô menos notavel, n'uma região onde a indolencia e a crapula são as caracteristicas feições populares.

VIAGENS.

EXPLORAÇÕES NA AFRICA CENTRAL.

(Continuação).

Nos ultimos dias de dezembro de 1849, Barth e Overweg, precedendo na Africa Richardson, que pouco tempo depois todavia se lhes reuniu tambem, achavam-se em Tunis, d'onde, concluidos alguns preparativos, partiram a 30 do mesmo mez.

Não ha nada tão triste como o estado de Tunis. Não que a natureza lhe negasse inteiramente seus dons; bem pelo contrario, uma luxuosa vegetação alli ostenta muitas vezes a sua magnificencia, e os romanos lá deixaram vestigios do seu poder e grandeza; mas o esplendor da natureza e os monumentos do passado só servem para tornar mais afflictivo o contraste da miseria presente: pouca ou nenhuma industria, algumas mesquinhas habitações, uma população pobrissima, vejetando sob o jugo dos soldados do bey! Espanta quão pouco tem aproveitado aos estados musulmanos do litoral do Mediterraneo a proximidade dos europeus, e o contacto do mar que banha os paizes mais civilisados do mundo.

Em Tripoli, aonde os nossos viajantes chegaram depois de uma navegação de alguns dias e de uma viagem por terra, não isentas de riscos, foi mister esperar um mez Richardson, demorado pelos ultimos preparatorios da expedição. Este mez empregaram-no os insoffridos viajantes em excursões em torno da cidade. Dirigiram-se primeiro para o sudoeste, a dezeseis ou dezoito milhas inglezas, através de um paiz arido e areiento, cortado de tufos de verdura, até á cordilheira de montanhas de Jebel-Yefren e do Ghurian; de tempos a tempos alli se desencadeiam tempestades furiosas, que abrem, n'esse solo pedregoso, profundos barrancos, d'onde volumosas torrentes de agua se precipitam no mar.

Este paiz é habitado por bellicosos montanhezes arabes e bereberes, que soffrem impacientes a oppressão dos soldados turcos do bey, e cujas povoações, erigidas nas faldas das montanhas, escondidas pelas ravinas, muitas vezes devastadas, são sempre focos de rebellião. Ainda alli existem monumentos do tempo dos Antoninos. O castello de Ghurian, que é praça forte, está assente em montanhas penhascosas; em tôrno, dispersas em sitios pittorescos, no meio de plantações de figueiras, de amendoeiras, de vinhas, de arvores proprias do paiz, vêem-se as habitações subterraneas, que servem de refugio aos judeus e bereberes, que alli vivem no melhor acôrdo desde tempos immemoriaes.

Para o lado de léste encontra-se um monumento de singular architectura, que não se póde attribuir nem aos arabes nem aos romanos: sobre uma base commum erguem-se dois pilares quadrangulares da altura de dez pés, um pouco inclinados um para o outro, e sobre os quaes está atravessada uma pedra massiça do comprimento de seis pés e seis pollegadas; outras pedras, de differentes fórmas e dimensões, estão espalhadas cêrca do monumento principal, que offerece notavel analogia com os nossos monumentos celticos. Segundo todos os indicios, estas construcções devem a sua origem a crenças religiosas, e indicam, ou a extensão enorme de uma das antigas familias do globo, ou talvez sómente a existencia entre povos diversos d'uma religião simples e uniforme na expressão das suas crenças primitivas. Em alguns percebe-se trabalho artistico; foram mãos romanas que mais tarde ornaram de esculpturas o seu estilo tosco e grosseiro. Mais longe, á beira de uma barroca, erguem-se columnas do mais puro jonico; onde se descobriam algumas risonhas sombras, onde se abria um valle, os grandes personagens romanos compraziam-se em edificar monumentos funerarios; o mais notavel pelas dimensões é o que chamam *Kasr-Doga*, que não tem menos de quarenta e sete pés de comprido sobre trinta e um de largo; os arabes o converteram outr'ora em castello. Lebda, a antiga e illustre Leptis, dista poucas jornadas d'este ponto, e d'alli os viajantes, seguindo o litoral, voltaram a Tripoli.

Entretanto tinham chegado de Inglaterra os instrumentos, precedendo as armas, os presentes destinados aos soberanos e aos chefes das tribus, e o resto do material, no qual se comprehendia um barco de ferro proprio para navegar no Tsad. Munidos de tendas feitas de maneira que podiam resistir á violencia dos ventos, e forradas interiormente para attenuar os raios do sol, Barth e Overweg, a quem depois se juntou Richardson, adoptaram definitivamente a direcção do sul, e nos primeiros dias de abril, montados em camelos, e em companhia de dois criados e dos conductores das bestas de carga, tomaram o caminho que costumam seguir as caravanas para o Fezzan, paiz situado ao meio-dia de Tripoli, e que é um dos grandes oasis que se encontram no deserto.

Planicies rocheas ou calcareas, cortadas de montanhas areiosas, nas quaes as chuvas abriram largas barrocas, a que chamam *wadis;* cordilheiras abatidas, d'onde se erguem cabeços de fórmas extravagantes, um aspecto geral de desolação; depois, de espaço a espaço, um fresco valle, um sitio alpestre de peregrina formosura; onde o solo é argiloso e não deixa filtrar a agua, um verdejante oasis com sua agradavel perspectiva de palmeiras, de campos de cevada e de trigo, tal é o deserto, e não uma planura uniforme, como tantos aporfiam em o representar. Penetrando pelo norte sobe-se sempre; e pontos ha no centro de Sahara que se acham a dois mil pés sobre o nivel do mar. Na parte fertil do Soudan, o solo deprime-se para se levantar depois novamente, mas não em uma vasta chã, senão n'uma cordilheira de elevadas montanhas parallela á linha do equador a que está proxima, e por detraz da qual a Africa esconde os derradeiros e menos penetraveis mysterios que com tantas difficuldades lhe arranca um a um a curiosidade europea. O pequeno oasis de Mizda, o primeiro que encontraram os viajantes, foi grande e florescente; deixaram porém arruinar os seus poços, e vae perdendo vegetação e vida. Barth suppõe que este é o Musti-Komé oriental de Ptolomeu: os romanos, os arabes, os proprios christãos alli deixaram vestigios do seu poder. Quem foi o ignorado apostolo que veiu prégar a esta remota parte do deserto? o architecto desconhecido que edificou em uma ponta de rochedo a egreja ou o convento de que ainda se vêem as ruinas? Só nos pódem responder as abobadas aluidas, os arcos, os capiteis, cujos desenhos singulares dão comtudo uma idéa dos capiteis romanos. Esta egreja, ou antes este mosteiro, tem tres naves, e dois andares, sendo o superior dividido em cellas, occupando o edificio um quadrado de quarenta e tres pés por cada face. Barth faz remontar a sua origem ao seculo XII.

Continuando a avançar no deserto, encontra-se um bello sepulchro e uma torre, monumentos solitarios da grandeza romana. Depois, penetrando ainda mais para o meio-dia, surge aos olhos maravilhados do viajante um dos mais bellos specimens da arte antiga. É um tumulo tambem. Tem tres corpos, descançando em uma base de tres degráos de pedra, na qual existe um carneiro, não tendo menos ao todo de quarenta e oito pés. Na parte mais ornamentada, que era a fachada principal, o corpo inferior compõe-se de seis fileiras de pedras grandes emmolduradas por duas columnas. Dois animaes ferozes, similhantes a

pantheras, alli se vêem representados, apoiando as garras em uma urna, e por cima estão esculpidas scenas de caça; no friso vêem-se centauros, um gallo, varas de cepa, e molduras. No corpo superior ha uma porta fingida, de magnifica execução, rematada por dois genios sustentando uma coroa; em um mesmo nicho estão um busto de homem e outro de mulher; por cima cachos de uvas, um friso de ordem jonica, e molduras; coroando o edificio vê-se uma pyramide, á qual o tempo só mutilou as ultimas pedras. Os proprios arabes respeitaram este monumento, que, segundo assevera Barth, não póde contemplar-se n'esta solidão, no declive de uma elevada chã, sem se sentir tomado de uma commoção e veneração profundas. Mais longe encontra-se ainda outro sepulchro, de proporções menos vastas e bellas, mas muito ornamentado tambem, e que mesmo na Italia ou na França chamaria a attenção dos viajantes. É verdade que perto d'alli se levanta Ghariya, que foi estação fortificada dos romanos, como o testimunham torres, muralhas ornadas de esculpturas, e um portal, de excellente trabalho, abrindo ainda seu elegante arco sobrepujado de uma coroa, na qual está gravada a letra: PRO. AFR. ILL. (*provincia Africæ illustris*). O systema geral d'estas construcções e os restos de uma inscripção mostram que não são posteriores ao reinado de Alexandre Severo. Augusto, os Antoninos, os Severos, taes são as epochas em que a vida e a civilisação trasbordaram das ferteis margens do Mediterraneo até ao deserto, e em que os maravilhosos artistas da antiguidade, nos quaes parece innato o gosto das proporções e da harmonia, semearam com mão prodiga primores d'arte tão longe da Italia. Ghariya está situada pouco mais ou menos em 30° de latitude norte, nas raias do Hammada, região cujo nome significa campina de areias. Segundo antigo costume, á entrada d'esta campina os peregrinos que vem do norte, e que nunca ultrapassaram as barreiras do Sahara, deitam uma pedra em um monte accumulado pelos viajantes de ha seculos. Assim fizeram os tres europeus, e entranhando-se n'esse Hammada areiento, sem agua e cortado de poucos wadis, chegaram á cidade, relativamente grande, de Ederi, edificada em sitio pittoresco, na falda de uma montanha, e cercada de jardins. Além de Jarma, situada em um fertil oasis, e que parece ser a antiga Garama de Plinio e de Strabão, viram o monumento mais meridional da dominação romana. Alfim, nos primeiros dias de maio chegaram a Murzuk, d'onde, em consequencia da difficuldade de obter uma escolta, e de alcançar salvo-conductos para atravessar sem risco a parte do deserto que senhoreiam os tawareks, só partiram por meado de junho.

(Continúa)

FILIPPE II E A NOBREZA PORTUGUEZA

DURANTE AS SUAS PRETENÇÕES AO THRONO DE PORTUGAL.

(Apontamentos de um livro inedito).

(Continuado de pag. 50).

Cartas mais significativas ainda são as dirigidas por Filippe II aos proprios interessados. Citaremos algumas:

A Pedro de Alcaçova Carneiro. — D. Filippe, por graça de Deus rei de Hespanha, de Napoles, Sicilia, Jerusalem, etc. Magnifico e mui amado senhor. D. Christovão de Moura me enviou uma carta, com que recebi mui particular serviço e contentamento, porque contém o que desejava saber, escripta com tanta discrição e prudencia, como eu esperava que havia de ser de taes mãos quando pedi que o fizesseis: agradeço-vos muito o trabalho com vos assegurar que estou tão satisfeito de vossa boa vontade, que podeis estar certo hei de ter com a vossa pessoa a conta que mereceis. De Talavera a 20 de março de 1580. — Eu el-rei — Gabriel de Zayas.

A D. Fernando de Castro. — D. Filippe, por graça de Deus rei de Hespanha, etc. Magnifico e bem amado senhor. Muito folguei com a vossa carta de 5 do presente, porque tudo o que n'ella dizeis a respeito do que toca a meu serviço e ao bom successo do negocio da successão é mui conforme ao que sempre esperei, e me prometti de vossa pessoa e parentes, porque sendo quem sois, não podereis faltar ao vosso bom natural, nem eu faltarei nunca de o conservar em memoria para honrar-me e favorecer-vos como o mereceis; o mesmo direis a vosso pae, com minhas particulares recommendações.

Do resgate de D. Diogo vosso filho tive o aviso que sabeis pela relação que se envia a D. Christovão de Moura meu embaixador, e a diligencia que de novo mandei que se faça para que, se não se houver acatado, se procure com a instancia necessaria, e porque tambem vos avisará D. Christovão como vae caminho d'esse reino com a mesma intenção que vós me avisaes: a elle me remetto. De Talavera a 20 de março 1580. — Eu el-rei — Gabriel de Zayas.

Ao arcebispo de Evora. D. Filippe, por graça de Deus rei de Hespanha, etc. Mui reverendo em Christo Padre: por muito certo tenho que do bom parto que Nosso Senhor houve por bem de dar á rainha folgareis tanto quanto dizeis na vossa carta de cinco do presente, porque assim o deveis á estima em que eu tenho a vossa pessoa, ainda que todavia vos agradeço muito a significação que d'isto me tendes feito com certificar-vos que em tudo o que eu vos podér comprazer e dar contentamento, achareis a minha vontade tão preparada como o tendes podido conhecer pelo passado: e seja, mui reverendo arcebispo, Nosso Senhor em vossa continua guarda. — De Talavera a 20 de março de 1580.

Carta de Filippe II a D. Duarte de Castello Branco.

D. Filippe, por graça de Deus, etc. Magnifico e amado senhor. Desde o tempo que residistes n'esta corte era por mim tão conhecida a affeição que mostrastes ás minhas cousas, que não me ha sido menos o tel-a continuado no que alli occorre tão deveras como me tem avisado D. Christovão de Moura meu embaixador, e o vimos agora pela copia da carta que escrevestes a dez do presente, e elle vos dirá a satisfação e agradecimento que d'isso tenho: todavia tudo vos quiz significar eu por esta, e assegurar-vos que terei sempre com a vossa pessoa a conta que é razão para vos honrar e favorecer como o mereceis. De Madrid a 25 de fevereiro de 1580. — Eu el-rei — Gabriel de Zayas. [1]

A fidalguia fôra bem inspirada a favor dos seus interesses, seguindo a voz de Castella. Os Filippes prodigalisaram as mercês aos grandes de Portugal, e nenhum dos nossos reis as deu maiores, nem mais largas. Só Filippe II concedeu os seguintes titulos, a que anda annexa a nota das mais torpes veniagas: a D. Manoel de Menezes, de duque de Villa Real, de que era marquez; aos primogenitos da casa de Aveiro, de duque de Torres-Novas; a D. Antonio de Castro, de conde de Monsanto; a D. Francisco Mascarenhas, de conde de Villa de Horta, ou Santa Cruz; a Ruy Gonçalves da Camara, de conde de Villa-Franca; a D. Francisco Manoel, de conde de Atalaya; a D. Fernando de Noronha, de conde de Linhares; a D. Fernando de Castro, de conde de Basto; a D. Pedro de Alcaçova Carneiro, de conde da Idanha; a D.

[1] Bibliotheca real de Madrid. Copia do archivo de Simancas.

Duarte de Menezes, de conde de Tarouca; a D. Christovão de Moura, de conde de Castel Rodrigo.

Depois d'isto ninguem poderá taxar de exaggerado o dito de Filippe II, no qual affirmava que havia feito *uma cara mercancia em comprar Portugal.*

A exactidão d'elle mais amplamente se manifestará pela continuação d'estes apontamentos.

II.

A situação em que ficava a questão da successão, depois da morte do cardeal D. Henrique, que teve logar em 31 de janeiro de 1580, está minuciosamente desenvolvida em diversas cartas de Christovão de Moura e do duque de Ossuna, e por ellas se denuncia plenamente que o velho monarcha, sentindo-se expirar, cerrou os ouvidos ás instancias dos agentes de Filippe II, illudindo-os com promessas que naturalmente não suppunha poder realisar. No meado de fevereiro do anno de 1580, escrevia Christovão de Moura ao rei o seguinte:

«Pela carta de Zayas entendi que v. m. deu conta ao seu conselho de estado d'aquelle segredo que o rei, que Deus tenha em gloria, havia fiado de v. m. debaixo de tanta promessa e segurança; e foi mui acertado, para que todos entendam e se possa colligir a opinião que el-rei e seus ministros tinham da justiça de v. m.: se bem é verdade que se nos augmenta a magoa de que tenha morrido sem se haver tirado fructo da boa intenção que mostrava: ainda que, como v. m. sabe, estes capitulos de concordia, que tinha assentado comnosco, eram condicionaes e não teriam resolução se os estados os não confirmassem: e para este effeito convocou cortes, tendo por certo que poderia concluir tudo, o que já alcançára dos braços sem os quaes, como acabo de dizer, não tinha força a dita concordia . . . . e por esta razão disse eu nas minhas cartas que a sua intenção era boa, mas a execução errada, e que sómente na sua vida estava o remedio, porque com ella tudo acabaria, e faltando, tudo importava pouco, ainda que ficasse formado, se o não tivesse feito com poder dos estados que haviam de concorrer. Com tudo v. m. é boa testimunha da diligencia e cuidado que se empregou em arrancar-lhe alguma assignatura ou prova que podesse ser de importancia, sequer para declaração de sua vontade: mas elles procediam com tanto recato como v. m. sabe, porque se os braços *soubessem que sem elles se concertava o que tanto a todos tocava, não só não viriam ao que o rei desejava, antes correria perigo de ser apedrejado por ello, segundo elle dizia:* e com o mesmo medo ficaram os ministros, e assim por esta razão como por outras que se offerecem parecêra o que verá pelo papel que o duque envia . . . .

«Este negocio fica no estado que v. m. tem entendido pelo que se tem escripto e se torna a escrever de novo; e pelo que toca á negociação esteja v. m. descançado que n'esta parte se disse tudo o que se podia esperar de homens que servem com amor e cuidado: mas isto, que não basta para conquistar um *reino inteiro, e tão mal intencionado,* bastou para seduzir um rei velho e teimoso, *e a todos os que andavam em torno d'elle,* e fazer-lhe revocar um testamento em que deixava *nomeada por herdeira d'estes reinos D. Catharina, o qual teve feito sem falta nenhuma.* Foi Deus servido leval-o no ponto em que mais parece que importava a sua vida: com ella nos faltou tudo, porque os mesmos que nos ajudavam antes, que são os tres governadores que assistiam de ordinario, ficaram tão acautelados, que não só nos não ajudam, mas procuram que se entenda o contrario, a ponto de pedirem que não lhe entremos em casa muitas vezes, e elles mesmos me confessam, que seria impossivel sair com alguma cousa, se não fôra por puro medo da vinda de v. m. e apercebimentos de guerra, e entre ambas estas duas cousas nos desfazem aqui os contrarios . . . . . . »

O duque de Ossuna, em carta de 5 de fevereiro, annunciando a Filippe II a morte do cardeal, pretende provar-lhe o quanto é conveniente que elle declare ao seu conselho de estado o que se havia tratado com o rei defuncto, e como lhe cumpre apressar os preparativos de guerra, e aproximar-se da fronteira para conter a effervescencia que se manifesta no povo:

«Foi Deus servido, por peccados d'esta terra, e nossa desdita, levar para si este rei sem deixar concluido nada do que tinhamos tão ao cabo, que bastava poucos dias para concluir tudo segundo a pressa que elle se dava, ainda que começam aqui já tarde, havendo primeiro vacillado muitas vezes como temos escripto.»

E n'outra parte: «Esta gente vae-se alvorotando cada vez mais, e só o temor do açoute os póde socegar: mas antes de chegar a isto é bem experimentar todos os meios que ficaram sem esperar mais tempo; e pensar que os *amigos governadores nos hão de valer é escusado, porque elles não podem nada, e além d'isto metteu-se-lhes no corpo extraordinario medo, e pensam que qualquer criança os póde affrontar,* e como estão apontados como nossos amigos receiam mais que todos favorecer esta causa . . . .

«E assim me parece que ao mesmo tempo s. m. conte ao seu conselho o que este rei tinha tratado e capitulado, havendo-lhe pedido a palavra de que o não dissesse a ninguem até que se effectuasse, mas agora convem que todos o saibam para que apreciem a opinião que elle tinha da justiça de v. m., e tudo o que n'isto se tem passado se deve escrever, e tornar a contar nas cartas que pedimos para os governadores e braços . . . . E mais adiante: «E v. m. resolva-se a descobrir este segredo, porque entendemos que convem a s. m., ainda que é verdade que estes governadores amigos temem muito que se o povo entende o que elles tem tratado, que *os hão de matar e se hão de comprometter* para nada conseguirem, e assim o declararam a D. Christovão, e ainda que elles tem razão de ter medo, a nós parece-nos que é bem que se saiba esta verdade.»

Filippe II respondeu a Christovão de Moura em 6 de fevereiro o seguinte: «Estou resolvido a partir dentro de mui poucos dias, caminho direito para Guadelupe, como posto tão conveniente para acudir com a minha pessoa e forças aonde for mister, como o escrevo tambem ao duque . . . . a fim de que se animem os affeiçoados a meu serviço, e desmaiem os contrarios, e que todos creiam *que por bem ou por mal tenho de conseguir o que Deus e meu Senhor me deram sem perder uma linha.*»

O cardeal D. Henrique entretanto não tinha alludido no seu testamento a estas negociações, facto que Christovão de Moura refere a el-rei, em carta de 5 de fevereiro:

«Temos entendido que o serenissimo rei não deixou nenhuma declaração em seu testamento, tocante a este negocio, mas isto não o podêmos affirmar, porque os seus testamenteiros, que são Francisco de Sá, o arcebispo de Lisboa, Paulo Affonso, e o seu confessor, nada declaram, senão que não poderam ver todo o testamento; sómente me disse Miguel de Moura, que se não deixou bem, tambem não deixou mal: não póde ser maior peso para a sua alma que haver calado verdade tão clara, *da qual podiam redundar tantos damnos a esta terra.*»

Os agentes de Filippe II não se descuidavam entretanto de procurar corromper, por todos os meios, as pessoas poderosas e influentes. O duque de Ossuna escrevia em 15 de fevereiro: «Já tenho escri-

pto a v. m. que temos *gente nobre*, que trata de seguir este partido, e ainda que agora se não atrevem a declarar-se, pedem, e com razão, que lhes assegurem que v. m. lhes dará o que *perderem por seu serviço.* »

Christovão de Moura informava miudamente o rei na sua correspondencia dos novos adherentes, que o ouro ou vantajosas promessas de futura recompensa convertia ao partido castelhano:

« Depois que se começaram estas cousas tenho andado a tratar com Manoel de Sousa Pacheco, procurador de Lisboa, que é d'aquelles que governam toda a machina, e finalmente consegui ver-me com elle algumas noites em Santarem, e está resolvido a servir a v. m. e de procurar e conseguir que se acceitem os partidos, pede por isso tres mil ducados de renda, entrando uma villa, e não é muito, se fizer o que diz: veja se é servido que se lhe promettam, porque ha tempo para responder-lhe, e o proprio Manoel de Sousa envia a minuta da carta que quer que v. m. escreva ao povo, a qual vae com esta..... «

« D. Duarte de Castello Branco, escreve elle n'outra carta, faz bons officios em Lisboa: com elle tenho correspondencia regular, e ultimamente nos ajudou a ganhar duas pessoas de importancia, que são Luiz Cesar, provedor dos armazães, e Francisco de las Pontes, procurador da alfandega: d'esta gente e de outra principal temos alguma mais; mas todos se conservam quietos e mettidos no seu canto, e assim continuarão em quanto não virem melhor occasião de resolver-se...

« O trato com o procurador de Lisboa está em pé, e offerece maravilhas, e outros estão do mesmo humor, e ainda que para regalar 186, que são por todos, não havendo cá mais de tres mil e tantos ducados, e não serão mister mais, nem perderemos o trabalho, se os governadores sáem com o quep retendem, que é desfazer as cortes....... »

Um tal Antonio Mattos de Noronha, que se assigna *humilde criado e capellão de s. m.*, e que pela sua carta se conhece ser homem de valia, e agente acreditado, depois de fallar ácerca dos projectos de



Africa central — Ruinas d'uma antiga egreja christã (pag 66).

D. Antonio prior do Crato, que elle espiava, pede a el-rei que responda ás cartas do marquez de Villa Real e de D. Jorge de Noronha:

« Os dias passados enviei a v. m. duas cartas, uma do marquez de Villa Real, e outra de D. Jorge de Noronha, que me deram para v. m.: disseram-me que não receberam recibo d'ellas: supplico a v. m. que mande avisar d'isto ao marquez, para que não pense que as não enviei a v. m.: outra cousa não se offerece de que avisar. » A carta é datada de Almeirim em 24 de março de 1580.

Filippe II parece exultar com estes enredos e infamias, e falla d'ellas como se fossem uma cousa natural e legitima. É que a consciencia do homem estava tão dissoluta e era tão perversa como o systema politico do soberano. O fanatismo apagára-lhe todas as noções da moral. Para elle as cruezas, os assassinatos, os actos de egoismo e de ingratidão, as perfidas vinganças, essa serie de torpezas e atrocidades, que se accumulam nos annaes do seu reinado, eram apenas meios, que a excellencia do fim, segundo elle suppunha, plenamente justificava. Comprehendendo a religião catholica, como todos os fanaticos infelizmente a comprehendem, commettia todos estes monstruosos attentados com animo sereno, crendo de boamente que a sua religião permittia e perdoava todas as cousas, com tanto que todas ellas fossem sacrificadas á mesma religião. O principe de Orange, quando começaram as insurreições dos Paizes-Baixos, bem provava que o conhecia, quando dizia d'elle: « Querendo enganar todo o mundo, começa, para ficar mais seguro, por enganar a sua propria irmã. » (1)

« E o mais que se me offerece a dizer sobre isto, é que eu entendo que tudo o d'ahi consiste nos procuradores dos povos que estão nas cortes, e *que a estes convem ganhar a maior parte, porque quando se lhes proponham aquelles pontos, elles os admittam:* parece-me que seria ainda mais facil ganhar d'estes que dos outros, e com a vossa boa diligencia e cuidado espero se podiam ganhar, e principalmente o dos 3:000 escudos de renda de que se falla na outra carta....

« E no que toca á minha saída, escreve elle adian-

(1) The Rise of the Dutch Republic: a history, by John Lethrop Motley, 3 vols. London. 1856

te, d'aqui para Guadalete, podeis ter por certo que a desejo, e procuro abbreviar, de maneira que não se passa uma hora de tempo, e assim o podeis dizer e affirmar aonde convenha: a mesma diligencia se emprega no aprestar da gente, e cousas necessarias para a guerra, com o fim de que, se estes homens se não poderem tornar á razão por meios pacificos, se empregue a força. » (1)

Filippe II não é menos explicito a respeito do modo por que se devia captar o bispo capellão-mór D. Jorge de Athaide, que se mostrára um dos mais férvidos partidarios dos seus suppostos direitos: « Mui bem será que procureis ter ao bispo capellão-mór, e que o aconselheis e encaminheis que não se parta: tambem me disse o provincial frei Antonio, que por occasião de um peregrino, que o rei mandava em seu testamento que fosse a Jerusalem, queria elle ir para lá, elle capellão-mór: porém não convem que elle parta, por nenhuma maneira, e assim será bem que vós façaes uma carta para elle, *uma das assignaturas em branco que lá tendes*, conforme o que me escrevestes, e o que mais vos parecer a proposito *ácerca do capello que deseja*, segundo o que convem: podeis olhando o que costuma fazer, porque, se o entender, o de Lisboa (o arcebispo de Lisboa) poderia haver inconvenientes, pois vós lh'o offerecestes, e conforme a isto ireis procedendo com um e outro com a prudencia de que tendes dado provas. » (2)

As razões que levaram Filippe II a nomear o duque de Alva para commandar o exercito, que devia invadir Portugal, quando um anno antes o desterrára para o castello de Uzeda, estão plenamente indicadas n'esta correspondencia, e offerecem grande interesse e bastante novidade historica.

Filippe II hesitou em dar ao duque esta prova de confiança, e só se resolveu movido pelos conselhos de homens importantes da sua corte, e tendo préviamente consultado a opinião de Christovão de Moura. É que o duque de Alva, ferira o despota no seu orgulho de soberano, e apesar dos seus eminentes serviços, de alguns annos antes haver executado aquelles implacaveis planos de exterminio nos Paizes-Baixos, que mancharam a sua gloria, nunca mais se pôde completamente reconciliar com elle.

Afastado da corte por ordem expressa do rei, em consequencia de haver favorecido seu filho o marquez de Coria, que se recusava a casar com uma dama da rainha D. Anna d'Austria (3), o duque de Alva deveu apenas á grande reputação que adquirira, na sua tão longa carreira militar, a escolha que d'elle fizeram para o commando dos exercitos castelhanos.

Por estes extractos de correspondencia se poderá perfeitamente apreciar este acontecimento, que não teve pequena influencia sobre os successos ulteriores.

Filippe II escreve a Christovão de Moura o seguinte em 11 de fevereiro: « Como nas cousas que agora correm ha tantos discursadores, hão dado em dizer que importaria muito que o duque de Alva fosse a esta jornada pela sua experiencia, e o mais: e á noite, vindo Zayas saber o que se havia tentado sobre estas ultimas cartas, pelos que entram n'isso, que são o cardeal de Toledo, o marquez de Aguilar, D. Antonio Padilha, e D. João da Silva, me disse em fim o dito Zayas que não queria deixar de dizer-me o que havia alli passado, que era que a todos havia parecido bem que eu houvesse de levar o duque, e disse-me grandes cousas, que cada um dos que estão haviam dito sobre isso, e isto foi á noite: e esta manhã me enviou Delgado o papel que vae aqui, em que vereis o que disse sobre a mesma materia, e o que alli *apaguei foi porque poderia causar damno a alguem, se se encontrasse*: eu tenho pensado demasiado sobre o que alli se diz, e de uma carta e outra ha muito que mirar n'isso: se ahi o temem tanto, e o tem como tão bom, *será ao menos para espantalho* (espantajo) que para isso bom é: porém que isto era em tempo de el-rei meu sobrinho: não sei se lhe darei todavia aquillo, ou não, porém, reflectindo bem, não me pareceu resolver-me sem que me aviseis do que pensaes sobre isto. . . . »

O papel de Delgado, a que Filippe II allude, continha este trecho, em que se resumia o pensamento dos conselheiros: « Eu vou pedir perdão a v. m. do que me atrevo a dizer, que ainda que pensava fazel-o de palavra, resolvi-me a fazel-o por escripto para que v. m., acolhendo-o como de pessoa que com tanta lhaneza serve a v. m., e deseja tanto que todas as cousas do serviço de v. m. se acertem, n'esta que tanto vale me parece que o que faz tanto ao caso é a reputação, e pois que em Portugal está tão acolhido o nome do duque de Alva, que el-rei D. Sebastião para a jornada de Africa enviou pedir o seu parecer, e em Portugal o respeitam tanto, que v. m. removendo os inconvenientes que se podem offerecer, pois que se póde dar satisfação á gente, e o duque creio que fará o que v. m. mandar. . . . »

Christovão de Moura respondia a Filippe II em 14 de fevereiro de 1580 pelos seguintes termos: « Quanto ao homem de Uzeda (o duque de Alva) verdade é o que v. m. diz, que o reputavam em muito no tempo do rei finado, porque o embaixador que então aqui estava nunca lhe prégava outra cousa, e assim ficou todavia a melhoria d'elle n'algumas pessoas que me perguntam se v. m. o havia chamado para este effeito, mostrando que o temiam como a espantalho, porque, como v. m. diz em toda a parte, é bom para isto, pela summa experiencia que tem das cousas que ha a tratar agora: quem não sabe das culpas que o detem, não póde deixar de conformar-se com o que disse Delgado n'esse papel, que torno a enviar como v. m. manda, parecendo-me que o espantalho venha logo para a Estremadura: será Deus servido que não sejam mister senão espantalhos, mas para isto convem que desde logo comecem a havel-os. »

O espantalho, em breve, tornando-se fiel instrumento das vinganças de seu amo, teria de acrescentar mais alguns ensanguentados louros áquelles que colhêra nas cruentas luctas dos Paizes-Baixos.

(Continúa).

A. P. LOPES DE MENDONÇA.

O coração humano é uma càverna ou gruta de muitos seios, capacissimos e tão escuros, que só Deus os penetra.

BERNARDES.

(1) Carta de Filippe II a Christovão de Moura em 11 de fevereiro de 1580. Copia da Bibliotheca Real de Madrid do archivo de Simancas.

(2) De Madrid a 2 de março de 1580 — Idem.

(3) D. Fadrique de Toledo, marquez de Coria, filho primogenito do duque de Alva, dera palavra de casamento a Dona Magdalena de Guzman, dama da rainha Anna, quarta mulher de Filippe II: mas como se negasse a cumpril-a, e o rei capitulasse o procedimento do marquez como altamente offensivo ao decoro do real palacio, e á dignidade de sua pessoa, mandou depositar Dona Magdalena no convento de Santa Fé de Toledo, e pouco depois mandou prender o marquez no castello de Tordesilhas, nomeando uma junta para tratar exclusivamente d'este assumpto.

N'um dos dias em que a junta, cujo presidente era Pazos, e que consultava os seus açordos com o rei, o duque de Alva conseguiu ter uma entrevista com Pazos, na qual lhe manifestou com ar de arrogancia, que tudo quanto se praticava era baldado, pois seu filho se casára já com Dona Maria de Toledo, auctorisado para isso com uma cedula e carta real.

Quando se averiguava a verdade d'este facto, correu a noticia de que D. Fadrique, fugindo uma noite da prisão, havia vindo occultamente a Madrid, e se acolhêra em casa de seus paes, não faltando quem dissesse que estivera presente aos seus esponsaes.

A confirmação d'esta noticia produziu tal impressão no rei e nos individuos que compunham a junta, que deram a seguinte sentença: « que ficasse incommunicavel o marquez nos carceres de la Mota, que pouco antes se lhe tinham destinado, e que o duque de Alva e sua esposa saissem da corte, com ordem de residir em Uzeda . . . . »

Para mais ampla noticia lêa-se « Documentos sobre las causas que dieron motivo á la prision de Don Fadrique, hijo del duque de Alba, y tambien á la del mismo duque na « Coleccion de Documentos Inéditos para la Historia de España, por D. Miguel Salvá y D. Pedro Sainz de Baranda — Tomo VII. »

SACERDOTE ABEXIM.

É a Abyssinia uma grande região da Africa oriental, limitada ao norte pela Nubia, a éste pelo mar Vermelho, a oeste pelo Kordovan, e ao S. por uma alta cordilheira de montanhas.

Constituia em outro tempo este vasto paiz, ao qual se calcula uma população de 4:000:000 habitantes, um unico imperio sujeito ao Grande Negus, ou *Preste João*, como lhe chamaram os nossos antigos viajantes e historiadores. Hoje fórma differentes estados independentes, distinguindo-se sete principaes: os reinos de Tigré, de Gondar, d'Ankober, d'Amhara, d'Angot, de Naréa e de Samara.

Os abexins ou abyssinios professam a religião christã, e pertencem á seita monophysita ou eutychiana.

O padre Francisco Alvares, que acompanhou a embaixada enviada em 1515 ao rei da Abyssinia David, foi o primeiro que divulgou na Europa a noticia dos costumes d'este povo singular e suas cousas, publicando a *Verdadeira informação das terras do Preste João das Indias*, obra preciosa a todos os respeitos, impressa em 1540, e já hoje rarissima.

Não é porém agora nosso proposito reproduzir aqui as noticias, aliás mui interessantes, do padre Francisco Alvares, senão dar uma succinta idéa do estado actual do clero abexim, segundo a relação recentissima do sr. Theophilo Lefebvre, membro da commissão scientifica, enviada pelo governo francez á Abyssinia no anno de 1839, cujos trabalhos saíram á luz ultimamente em Paris.

«O chefe do clero abexim, diz o sr. Lefebvre, chama-se *aboune* (*abuna*, nosso pae). Não póde ser eleito d'entre os abyssinios, mas deve provir do Egypto, ou mesmo de qualquer outra nação, com tanto que seja branco. O usual é sollicital-o do patriarcha de Alexandria, que o concede mediante a esmola de 5:000 thalers. A congrua do *aboune* sobe a 30:000 francos por anno.

Segue-se, na hierarchia ecclesiastica da Abyssinia, o *etchégue*, que tem por obrigação vigiar aquelle.

Abaixo do *etchégue* vem o *lika-kaenat*, juiz dos ecclesiasticos; o *korosse*, ou grande-vigario; o *konnes*, vigario; o *keisse*, sacerdote, e o diacono.

Os *debtéras* desempenham as funcções de chantres nas egrejas. Apesar de seculares, tem obrigação de saber a historia sagrada, cursando estudos ecclesiasticos em Gondar, Axoum, Débla-Libanos e Haribéla. O *likamoukous*, ou grão-juiz do imperio, é debtéra.

Durante a sua residencia na Abyssinia (1839 a 1843) o viajante a que nos referimos foi testimunha da recepção feita a um padre cophto, que tinham ido buscar ao Cairo, e que devia ser o *aboune* ou patriarcha da egreja abyssinia.

«A noticia da chegada do *aboune*, diz o sr. Lefebvre, divulgára-se pela Abyssinia, causando uma sensação extraordinaria. Acudia o povo de toda a parte a esperal-o no caminho para receber a sua benção. A maior parte dos habitantes tinham-se reunido em Axoum. Lá se haviam congregado tambem todos os debtéras, que mais presumiam de doutos, que anciavam por ver o seu cabeça, e por lhe fallar; porque, apesar de elle já lhe inspirar santo respeito, a fragilidade humana suscitava-lhe certo espirito de critica. Por qual das opiniões, no tocante á natureza de Christo, se pronunciaria o bispo? Seria elle tolerante, perseguidor ou reformista? Taes eram as questões que préviamente estabeleciam estes pios theologos, e já cada qual tratava de estudar uma replica, tudo no intuito de melhor se esclarecer sobre o modo de pensar do patriarcha.

« O principe Oubie, governador (?) da Tigré, expediu de Adoua, sua capital, ordens para que o aboune fosse tratado por toda a parte com a consideração devida á sua categoria e caracter sagrado. O proprio dedjas-chéto, filho do principe, foi recebe-lo á fronteira; estabeleceram-se estações providas de todo o necessario; destinou-se para o aboune uma magnifica mula, tirada das reaes cavallariças; outras mulas foram postas á disposição das demais pessoas da comitiva.»

O patriarcha, escolhido por influencia da eschola ingleza do Cairo, estava prevenido contra os francezes. Tinham-o arrancado a uma posição bem humilde; ensinava a soletrar as crianças arabes educadas na eschola protestante. O sr. Lefebvre, fundado em informações que houvera a seu respeito, pouco valor intellectual e moral lhe julgava; todavia, entendeu dever ir comprimental-o, e assim o refere nos seguintes termos:

«Dirigimo-nos ao encontro d'elle, seguidos de um grande concurso de povo e de todos os debtéras de Médami, d'Allen e das convisinhanças. Cada um dos do povo ia munido do seu pedaço de sal, preço indispensavel da benção. Os debtéras escrupulisariam em defraudar o patriarcha da *esmola* que lhe é devida, e cada um d'elles trazia, dentro do saco em que estavam o turbante e a camisola que devia vestir antes de chegar á sua presença, um pão de trigo para lhe offerecer.

«Ao cabo de uma hora de marcha, avistámos, na campina de Mégara-Tsameis, uma especie de choupana, coberta de folhas, e atraz uma tenda que se conhecia pelo feitio ser egypcia. Alguns curiosos estavam assentados no chão em roda d'este pequeno pavilhão improvisado, esperando a comitiva. Nós, porém, que eramos pela politica e pela etiqueta, obrigados a seguir ávante, caminhámos ainda por espaço de um quarto de hora, e vimos ao longe um grupo de homens montados em mulas, e precedidos por um cavalleiro: pelos trajes escuros de alguns, e pelas umbelas de algodão, era obvio que o grupo se não compunha de abexins sómente. Todos, excepto eu, se apearam para receber os venerandos personagens, que marchavam com aquella dignidade que parece innata nos orientaes... Antes da comitiva chegar ao pé de nós, tinham todos os debtéras vestido as camisolas brancas, e posto os turbantes, apresentando um aspecto imponente.

«Em breve appareceu o aboune Salama, no meio de quatro padres cophtos, com os interpretes, e quatro eunucos encarregados de o acompanhar á Abyssinia. Estes ultimos não se me affiguraram lá muito amigos dos europeus. O aboune, esse, longe de me patentear inimizade, mostrou-me bom modo, e fez-me uma rasgada saudação, a que eu correspondi do mesmo modo, e com egual franqueza.

«Feitos estes mutuos comprimentos, elle metteu a mula a passo, e nós seguimol-o até ao pavilhão de que fallei.

«Logo depois começou a benção. Havia-se feito para este fim um recinto, que podia conter até duzentas pessoas. Alli foram entrando successivamente quantos tinham vindo ao encontro do patriarcha. Cada pessoa, antes de entrar o limiar, dava um *sal* (esmola) e ia sentar-se. Entrava depois o bispo e abençoava. Alguns penitentes esperavam gozar gratis o beneficio da benção, ajoelhando fóra do tal recinto; mas o mordomo do bispo accorreu a prevenil-os de que aquella era uma benção subrepticia, que de modo algum lhe podia aproveitar.

«Eu vi com prazer, continua o sr. Lefebvre, aprestar-se a grande ceremonia. Acabavam de erigir um barracão assás vasto, no qual o clero devia velar toda uma noite em orações e acções de graças; para alli tinham sido conduzidos a cruz e o livro san-

to. O alaka Kidona-Mariam entrou então com os debtéras, e lhes mandou fazer uma especie de explicação da festividade que se ia celebrar. Terminados estes preparativos, ordenou-se que a multidão despejasse as immediações do pavilhão, onde estava o aboune em grande estado, e assentado em um sophá. Logo depois avançou em duas linhas o clero, com o alaka á frente; deram o livro santo a beijar ao aboune, e apresentaram-lhe tambem algumas cruzes que, segundo a crença dos abexins, cairam do ceo. Os debtéras pegaram então com a mão direita em um pequeno instrumento chamado *tsenastsel*, com o qual batiam o compasso, entoando um cantico de acção de graças. Batiam tambem com o pé, e figuravam diversas attitudes que davam a esta especie de dança um caracter solemne. A musica, pobre de notas, como o canto chinez, pela boa afinação e excellencia das vozes, produzia em todos os espectadores uma grande impressão religiosa, que para mim tinha além d'isso notavel sabor de antiguidade.

« Depois do primeiro cantico, os *debtéras*, largando o *tsenastsel*, marcaram o compasso com páos encas-



Sacerdote abexim.

toados. Um d'elles suspendeu ao pescoço um tamboril, em cujas duas faces tocava com as mãos. O movimento tornou-se mais vivo, e o alaka Kidona-Mariam ia-se animando á medida da musica. Quando estava ao ponto de terminar, o homem redobrou de força, passeando em frente dos chantres, e fazendo muitos tregeitos.

« Não se póde imaginar o povoleo que vinha acudindo então de Adoua e de todos os arredores. Ao anoitecer, accenderam-se fogueiras por todos os lados; cada um preparava-se para acampar alli, a fim de poder no dia seguinte reunir-se ao cortejo do aboune, e concorrer para tornar mais pompósa a sua entrada na capital de Tigré.

« Pozemo-nos a caminho ao romper do dia. Alguns magnates tinham-se apresentado com as suas comitivas para receber o patriarcha. Era geral a alegria que se expandia em prolongadas acclamações, sendo a cada momento a marcha interrompida pelo cabido de uma egreja visinha, que vinha prestar homenagem ao aboune, e então tinha logar a repetição da ceremonia. »

O viajante separou-se do prestito no valle de Mémessa, e não diz cousa alguma da entrada do bispo em Adoua, senão que chegára a 19 de novembro, e que recebêra as felicitações dos principaes habitantes da cidade á maneira dos grandes abyssinios, isto é, no fundo de uma alcova, por detraz de uma cortina, que o occultava ás vistas dos profanos.

O primeiro passo no vicio conduz insensivelmente até ao crime; e o homem cego não vê o precipicio senão depois de haver caido n'elle.

Explicação do enigma do numero antecedente.

Quem cala consente.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão. Rua da Boa-Vista 4 B